

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

OS DESAFIOS DA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA: AS EXPRESSÕES DO *PATHOS* ENTRE AS VICISSITUDES DO IMPERATIVO CIVILIZATÓRIO E OS ÍMPETOS DO GOZO PULSIONAL

Anderson Soares¹

O sujeito psicopatológico dos dias atuais

Na atualidade, o sujeito psicopatológico e suas vicissitudes têm desafiado o psicanalista ao trazer em seu funcionamento e implicações no laço social questões que, marcadas por um tempo histórico e cultural, suscitam particularidades na relação entre sujeito, cultura e sintoma. Por isso, a contextualização teórica dos pilares conceituais freudianos nos auxilia na compreensão e produção de questionamentos quanto aos padecimentos e excessos desse sujeito, que se apresenta na clínica psicanalítica em cenários de desafiante manejo para o *setting* analítico. Com isso, a

Psicopatologia Fundamental está interessada num sujeito trágico que é constituído e coincide com o *pathos*, o sofrimento, a paixão, a passividade. Este sujeito, que não é nem racional nem agente e senhor de suas ações, encontra sua mais sublime representação na tragédia grega (Berlinck, 2008, p. 18).

A compreensão das mutações dos laços sociais nos serve como ponto de partida para a questionar a produção de subjetividades e a experiência do sujeito contemporâneo diante do processo alteritário e das vicissitudes da relação entre pulsão e cultura. Com isso, reconhecemos que o “laço social construído para impedir o retorno do estado de isolamento, submissão e despotismo em que viviam na horda, traduz a importância da alteridade como condição do fundamento dos laços sociais” (Fuks, 2003, p. 26). Essa compreensão passa, também, pelo reconhecimento dos imperativos atuais que sustentam a relação entre o sujeito e o outro, “num mundo marcado pela

¹ Psicanalista (Percurso Livre em Psicanálise-Natal/RN). Bacharel em História (UFRN), Mestre e Doutorando em História (PPGH-UFRN). Especialista em Psicanálise e seus fundamentos (EPSI – João Pessoa/PB). E-mail: andssoares@hotmail.com.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

imprevisibilidade e pela instabilidade dos códigos simbólicos estabelecidos” (Birman, 2014, p. 104).

As condições subjetivas da experiência do sujeito contemporâneo têm sido amplamente problematizadas por autores que investigam os padecimentos, os excessos e os sintomas produzidos historicamente. Esta experiência tem se caracterizado pela pobreza dos referenciais simbólicos, por pulsionalidades destrutivas, pelo silenciamento do sofrimento psíquico, pela pauperização da interioridade dos sujeitos e pelo enfraquecimento de Eros, “que é precisamente uma relação com o outro, que se radica para além do desempenho e do poder” (Han, 2021, p. 25).

Na atmosfera sociocultural da atualidade, os processos subjetivos, a interioridade e as experiências dos sujeitos são descartadas diante da manutenção e exaltação das performances de sucesso, poder e produtividade. Porém, os inevitáveis adoecimentos psíquicos originados desse processo não ganharam lugar de elaboração, questionamento e de necessária metabolização pelos sujeitos, que encaram seus conflitos e interrogações. Sobre esse complexo processo, apontamos que

A subjetividade contemporânea não consegue mais transformar facilmente dor em sofrimento. Estaria justamente aqui a marca específica pela qual a subjetividade metaboliza o mal-estar na modernidade, de maneira que a dor se interiorizava pelo sofrimento e com ele. No entanto, a dor passou a ser o traço insofismável e inconfundível pelo qual o sujeito se confronta com o mal-estar hoje (Birman, 2014, p. 138).

Ao mencionarmos o enfraquecimento de Eros em dias atuais, é importante explanarmos a sua compreensão. Entendemos, pois, que

Eros é uma divindade fundamental na história da humanidade. Em “O mal-estar na civilização”, Freud nos diz que o propósito de Eros é reunir indivíduos isolados em uma única grande unidade, a humanidade. Para isso, os homens devem estar libidinalmente ligados entre si, ainda que a natural agressividade do homem, representante de sua pulsão de morte, se oponha a esse programa da civilização. Eros corresponde à pulsão de vida e divide o domínio do mundo com Thanatos, representante da pulsão de morte. E é na tensão entre ambas as pulsões que se constitui a espécie humana, cujo principal objetivo é encontrar a felicidade. Na busca da satisfação desse objetivo, Freud assinala que podemos ter esperança de nos libertar de pelo menos uma parte de nossos sofrimentos, agindo sobre nossas pulsões. Nesse processo estão os deslocamentos de libido reorientando os objetivos pulsionais de tal forma que evitem a frustração do mundo externo com a participação aqui do processo de sublimação (Tavares, 2019, p. 35).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O filósofo Byung-Chul Han (2021) aborda a problemática do sujeito contemporâneo a partir do reconhecimento de uma espécie de “regime do eu”, cujos pactos de coletividade e as noções éticas de alteridade estão seriamente comprometidas. O autor afirma que

Os novos meios de comunicação e as técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro. O mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do “princípio de realidade”, que seria um princípio do outro e da resistência (Han, 2015, p. 91).

O silenciamento das inquietações psíquicas e a sedação das angústias parecem ganhar destaque como formas de sustentação das relações sociais, que, conseqüentemente, colaboram para o protagonismo dos psicofármacos na tarefa medicalizar as angústias, tristezas e inquietações psíquicas dos sujeitos. Os imperativos culturais atuais têm desestimulado a reflexão do sujeito sobre seus conflitos, suas implicações, seus processos subjetivos e sua interioridade. Com isso, a escolha por calar suas inquietações e dores psíquicas através das fórmulas “milagrosas” da indústria farmacêutica tem configurado uma realidade que dificulta, no sujeito, o processo de “acolher os excessos enigmáticos propostos por uma alteridade radical que exige uma ampliação do repertório significativo” (Almeida, 2016, p. 121).

Com o empobrecimento dos processos subjetivos e a precariedade dos referenciais simbólicos que sustentam a relação dos sujeitos no laço social, o que podemos refletir sobre o enfraquecimento de Eros nas atuais formas de mal-estar na civilização e da relação entre pulsão e cultura? Essa questão é sustentada por pilares psicanalíticos que afirmam

A ideia de um *conflito* permanente entre as exigências da cultura e as pulsões – a força psíquica que pulsa constantemente nas bordas do corpo, tem um alvo imutável, a satisfação, e cujo objeto não tem nome nem nunca terá, como diria o poeta, porque perdido para sempre – atravessa praticamente toda a obra de Freud (Fuks, 2003, p. 15).

O espetáculo social e seus padecimentos

A partir das especulações construídas até aqui, podemos refletir com maior radicalidade sobre os pilares das subjetividades contemporâneas e as formas de padecimento mais comuns, que inevitavelmente desafiam as práticas psicanalíticas atuais. Assim, não possível é pensarmos os sujeitos e suas idiossincrasias sem

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

relacionarmos com profundidade todos os efeitos das mutações dos laços sociais das últimas décadas. De forma especulativa e com base nas formações sintomáticas, padecimentos e queixas dos sujeitos que chegam à clínica psicanalítica (sujeitos carregam consigo, inevitavelmente, registros da relação sujeito-cultura de um determinado tempo histórico, social e político), podemos apontar que a inserção dos sujeitos no espetáculo da cena social tem uma importante relação com a constituição de subjetividades frágeis e cada vez mais voltadas para o citado “regime do eu”, apresentando baixa capacidade de “elaboração com o mínimo de resíduos e que esteja aberto a acolher a dimensão do conflito” (Leite, 2016, p. 73).

As subjetividades contemporâneas estão inseridas numa teatralidade social que exige dos sujeitos, em quase todo tempo, uma imponente performatividade, gerando sintomas que apontam para as dificuldades com as noções éticas de alteridade. São aqueles cada vez mais comuns, sendo vistos como os desesperançados, deprimidos, os panicados, os fracassados; os considerados como os fracassados da cultura, os que não puderam dentro da teatralidade social atingir um lugar de destaque e poder. Desta forma, compreendemos que são as demandas produzidas contemporaneidade que “provocam no analista o desejo de preservar os fundamentos de sua prática: convocar a alteridade a desfazer os jogos de espelhos, direcionando o sujeito a apropriar-se de sua história no reconhecimento da existência do outro” (Fuks, 2003, p. 63).

Sobre esse contexto psicossocial, é necessário apontar a prevalência de pulsionalidades destrutivas, movimentos das inquietações psíquicas dos sujeitos que não são metabolizadas pela via simbólica. A mencionada teatralidade e as exigências da performatividade exigem um esvaziamento da interioridade, ausência de sentido e silenciamento das perturbações psíquicas do sujeito. Por isso, como consequências do espetáculo social contemporâneo, temos a baixa capacidade sublimatória e a pobreza metafórica dos sujeitos em seus atos e manifestações, com dificuldade em “metabolizar as impressões provenientes do ambiente externo ou interno ao organismo sem deixar um excesso de resíduos fora desse processo de elaboração” (Almeida, 2016, p. 113).

Para a manutenção da sobrevivência de sujeitos produtivos e eficazes na atual teatralidade social, se faz necessário um contexto interpessoal que privilegie o esvaziamento de sentido, ausência de inscrição simbólica, regulação dos sofrimentos e, principalmente, a sedação das angústias. A via medicamentosa é, talvez, o principal pilar de sustentação e manutenção para o silenciamento dos sofrimentos e das

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

tentativas de eliminação dos sintomas que expressam as evidentes marcas de sofrimento dessubjetivado. Sobre esta via, apontamos que

Faz-se necessário, então, uma estrita e altamente constrangedora ordem social que forneça a segurança necessária para o humano sem angústia por efeito de medicamento. Ou seja, o que se perfila na cena da humanidade medicamentada é a ausência de sofrimento, de sexualidade e de liberdade. Anuncia-se, desta forma, uma nova espécie, destituída de subjetividade pela via da erradicação da dor, da depressão e da angústia, mas também pela via da inibição radical da sexualidade. Acabar com o sujeito, projeto psicopatológico contemporâneo, significa, de fato, acabar com o *pathos*, com a desmesura que submete o humano, relevando o desamparo e o assujeitamento ao significante (Berlinck, 2008, p. 236).

Diante da performatividade e da imponência dos recursos medicamentosos, a existência de corpos dessubjetivados, mortificados e desvitalizados é necessária. Esses são corpos que manifestam sintomas sem relação com seus processos psíquicos, ignorando o lugar do sujeito na produção de sofrimentos e inquietações, de forma que ganham protagonismo e visibilidade nas relações sociais contemporâneas em que prevalece a estetização da existência. Com isso, os corpos são expressões do outro, das marcas da cultura e do lugar temporal, pois “se a *dor* evidencia uma posição solipsista do sujeito e o seu fechamento em face do outro, o *sofrimento* seria algo de ordem *alteritária*, que pressuporia o apelo e demanda endereçada ao outro” (Birman, 2014, p. 9).

Refletir para concluir

Para concluir, prosseguimos na tarefa de colaborar com questionamentos e especulações que auxiliem na compreensão das inquietações despertadas pelas subjetividades contemporâneas, tendo em vista os desafios gerados à clínica psicanalítica dos dias atuais. Contudo, não é uma tarefa simples compreender as movimentações psíquicas e demandas do que o psicanalista belga Jean-Pierre Lebrun (2008) intitula como “neo-sujeito”. Lebrun esclarece que

A organização psíquica do neo-sujeito, em todo caso à primeira vista, não é a de um psicótico – ele não é “louco” no sentido tradicional do termo. Vimos que ela tampouco parece ser a do neurótico de ontem, nem a do perverso “clássico”. Mas então, que estrutura atribuir a esse sujeito? (Lebrun, 2008, p. 234).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Inevitavelmente, o psicanalista (pensador da cultura) terá de ampliar seu arcabouço teórico, sua sensibilidade, seu tato e manejo clínico diante de subjetividades que não mais remetem à relação entre sujeito, sintoma e cultura de fins do século XIX. Assim, somos “levados a concluir disso tudo que o psicanalista deve hoje assumir uma nova responsabilidade, e a um duplo título. Esta com efeito diz respeito tanto à sua clínica no cotidiano quanto ao que tem a ver com a dimensão antropológica da psicanálise” (Lebrum, 2008, p. 340).

A psicanálise, enquanto arcabouço teórico e lugar de escuta de singularidades, tem grande importância ao trazer à tona os processos e dinâmicas inconscientes inerentes da relação entre sujeito, cultura e sintoma. No entanto, esse lugar não pode ser confundido com um lugar de trabalho ortopédico, pedagógico, de eliminação do conflito e silenciamento das inquietações psíquicas; a psicanálise deve levar o sujeito a questionar e interrogar a sua experiência no processo alteritário e na responsabilidade pelo seu desejo. A “psicanálise não é prática que se destina à produção de passivos, pacatos, paspalhos ou pusilânimes, nem mesmo de pacíficos. Nesse sentido, ela não se alinha nem ao lado, nem do lado da paz” (Berlinck, 2008, p. 296).

Sabemos o quanto tem sido desafiante para o movimento psicanalítico a compreensão das subjetividades contemporâneas frente à permanente conflitiva dos sujeitos em seus ímpetos pulsionais com as exigências civilizatórias. As particularidades dessa conflitiva, inerente ao processo alteritário, nos lembram fortemente que o “equilíbrio entre a pulsão de vida e pulsão de morte é absolutamente imprescindível ao sujeito e à civilização” (Fuks, 2003, p. 39).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo Monte. Saúde e Psicanálise – Tradução e conflitualidade. *In*: BRITO, Jaqueline; CHAVES, Eugênia (org.). *A expressão do Pathos e a saúde possível*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2008.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

FUKS, Betty B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

HAN, Byung-Chul. *Agonia de Eros*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2021.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEBRUN, Jean-Pierre. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEITE, Ursula Patrícia Neves. Isso que dói. In: BRITO, Jaqueline; CHAVES, Eugênia (org). *A expressão do Pathos e a saúde possível*. João Pessoa: CCTA, 2016.

TAVARES, José Luiz Cordeiro Dias. O laço de Eros entre a literatura e a psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, [s. l.], v. 52, n. 97, p. 35-50, 2019.